

# REVISTA MARACANAN

**Dossiê**

## **O tema da Independência do Brasil nos enredos das Escolas de Samba do Rio de Janeiro**

*The theme of Brazilian Independence in the samba schools of Rio de Janeiro*

**Fábio Rodrigues de Almeida\***

Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.


**Recebido em:** 15 jul. 2022.  
**Aprovado em:** 17 out. 2022.



---

Pesquisa financiada com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

\* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre e Graduado em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. (alipius.23@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0003-0441-0421>

 <http://lattes.cnpq.br/7687481131321479>

## Resumo

A partir do inventário sobre a origem dos enredos na estrutura das escolas de samba e de sua tendência aos temas históricos, este artigo apresenta uma breve discussão acerca da Independência do Brasil como tema nos enredos das escolas de samba do Rio de Janeiro. Busca-se, dessa forma, lançar luz sobre algumas das diferentes narrativas e representações que se fizeram presentes entre essas agremiações ao longo de sua trajetória, identificando particularidades, continuidades e rupturas no discurso carnavalesco a esse respeito. Na análise teórica, parte-se do entendimento que, dadas suas características, os enredos das escolas de samba podem ser concebidos em aproximação com o conceito de História Pública, correspondendo a representações do passado constituídas na esfera pública, não circunscritas aos limites acadêmicos. Nesse sentido, para além do debate acerca do próprio conceito de História Pública e das especificidades de sua aplicação no âmbito da produção carnavalesca das escolas de samba, ocupam espaço importante neste artigo as reflexões acerca da memória em sua relação com a escrita da história, sobretudo no que concerne às memórias socialmente compartilhadas.

**Palavras-chave:** Carnaval. Escola de Samba. Independência do Brasil. História Pública. Memória.

## Abstract

Based on the inventory of the origin of storylines in the structure of samba schools and their tendency to historical themes, this article presents a brief discussion about the Independence of Brazil as a theme in the Rio de Janeiro samba schools' storylines. It thus seeks to shed light on some of the different narratives and representations that have been present among these associations throughout their trajectory, identifying particularities, continuities, and ruptures in the carnival discourse in this regard. In the theoretical analysis, we start from the understanding that, given their characteristics, the samba school themes can be conceived in approximation with the concept of Public History, corresponding to representations of the past constituted in the public sphere, not circumscribed to academic limits. In this sense, in addition to the debate about the very concept of Public History itself and the specificities of its application in the context of the carnival production of the samba schools, the reflections about memory in its relation with the writing of history, especially with regard to socially shared memories, occupy an important space in this article.

**Keywords:** Carnival. Samba Schools. Independence of Brazil. Public History. Memory.

## Introdução

Surgidas no Rio de Janeiro no final da década de 1920, as escolas de samba são agremiações carnavalescas centenárias, de raiz afro-brasileira, cuja origem está intimamente ligada às populações das favelas e subúrbios cariocas. Já no segundo desfile “oficial” realizado por essas agremiações, no carnaval de 1933, o quesito enredo constava como item de avaliação no concurso.<sup>1</sup> Tal como outros elementos incorporados pelas jovens escolas de samba, o enredo era parte importante da estrutura dos ranchos,<sup>2</sup> entidades carnavalescas bastante populares à época.

Na semântica das escolas de samba, o enredo “é a criação e a apresentação artística de um tema ou conceito” (LIESA, 2019, p. 47). Manifesta-se, portanto, em dimensão “abstrata/teórica” – enquanto concepção, ideia –, mas também concretamente, na materialização do tema ou conceito proposto durante o desfile (MUSSA & SIMAS, 2010, p. 14). É, de fato, a “espinha dorsal” que sustenta a “montagem” de todo o desfile, expressando o “conteúdo intelectual” que o orienta, mormente definido pelo carnavalesco<sup>3</sup> ou pela equipe de profissionais que se encarregue de seu desenvolvimento (CUNHA JUNIOR, 2006, p. 11).

Sobre a importância do enredo, Maria Laura Cavalcanti (1999, p. 75) o considera como “elemento expressivo básico” das escolas de samba, responsável por mobilizar diferentes camadas e atores sociais, assegurando a atualidade e a diversidade da forma estética do desfile em ciclos anuais de abertura ao contexto histórico e cultural. Não existe, afinal, desfile de escola de samba sem enredo, logo, sem que nele se manifeste uma determinada narrativa, sem que se conte uma história ou se emita um certo discurso a respeito de um tema, acontecimento, personagem, etc.

Atualmente, a estruturação inicial dos enredos entre as escolas de samba ocorre com base em elementos textuais, geralmente a chamada sinopse do enredo, que apresenta o tema e a abordagem realizada sobre ele. São também de grande relevância outros documentos, que podem compor a sinopse ou apresentar-se de forma separada, como a justificativa e o histórico do enredo e o roteiro do desfile. A partir desses materiais, se estruturam diferentes e fundamentais elementos narrativos/discursivos, como o samba-enredo, vinculado à oralidade, e aqueles de caráter plástico-visual, como fantasias, alegorias e adereços. Até mesmo aspectos

---

1 Regulamento referente ao concurso organizado pelo jornal *O Globo* (cf. CABRAL, 2016). Entre 1932 e 1934, ainda não incorporados ao calendário oficial, o que se deu apenas em 1935, os concursos das escolas de samba foram organizados por órgãos de imprensa.

2 Os ranchos são entidades carnavalescas cuja origem remonta a grupos ligados a festividades religiosas denominadas pastoris. Presentes no Rio de Janeiro desde o início do século XIX, possuíam base processual e dramática, assumido feições estritamente carnavalescas a partir da fundação do rancho *Ameno Resedá*, em 1908.

3 Trata-se do profissional que concebe e/ou desenvolve o enredo, função que se consolida, em suas atribuições atuais, a partir dos anos 1970 (CABRAL, 2016).

rítmicos, dramáticos e/ou relacionados à dança durante o desfile costumam ser definidos em função do enredo.

Para a análise desenvolvida acerca do elemento enredo neste artigo, toma-se como referencial a perspectiva da História Pública, ao se conceber que as produções carnavalescas das escolas de samba, de acordo com uma série de características que serão apresentadas no decorrer do trabalho, podem ser tomadas como espaços públicos não acadêmicos de produção de sentidos históricos, principalmente no que se refere à história do Brasil, por meio de representações do passado na sociedade.

Primeiramente, o artigo expõe um breve inventário sobre a presença das temáticas históricas nos carnavais das escolas de samba do Rio de Janeiro ao longo de sua trajetória. Em um segundo momento, são observadas algumas características próprias às narrativas carnavalescas das escolas de samba à luz do debate sobre a História Pública. Adiante, a partir da aproximação dos enredos apresentados por essas agremiações e as efemérides nacionais ou locais, reflete-se acerca da memória em sua relação com a escrita da história, sobretudo no que concerne às memórias socialmente compartilhadas. Por fim, o artigo se debruça especificamente sobre o tema da Independência do Brasil nos enredos das escolas de samba do Rio de Janeiro, incluindo o contexto atual, ocasião em que se cumprem 200 anos da emancipação política do país.

## **Temáticas históricas nos enredos das escolas de samba**

A relação entre a produção carnavalesca das escolas de samba e a história/historiografia – para além do dado empírico que qualquer folião ou apreciador do grande espetáculo realizado anualmente por essas agremiações pode notar ao assistir a um desfile ou ouvir um samba-enredo – já foi objeto de seminais estudos. Com base na análise de letras de sambas-enredo apresentados pelas escolas de samba do Rio de Janeiro entre 1952 e 1975, Monique Augras (1998) afirma que o tempo privilegiado por essas narrativas teria sido o passado, focalizando, nesse recorte, principalmente o Brasil Colônia e o Império. Quanto a essas composições, Augras ressalta seu caráter essencialmente laudatório, na forma de um tributo ao “passado” e à “memória” (*Idem*). Na mesma direção segue Rachel Valença (1983), em seu estudo linguístico dos sambas-enredo entre 1972 e 1982, verificando a preferência dessas agremiações por temas históricos e literários, que tomavam como referência a “cultura *branca* oficial” (grifo da autora).

Já foi visto que o elemento enredo chega ao concurso das escolas de samba tomado emprestado aos ranchos carnavalescos, e não é nenhum equívoco dizer que, ao se efetuar essa transposição, já estavam lançadas as bases para o predomínio de temas históricos. Isto porque, já há algum tempo, os ranchos haviam enveredado por tal trilha, impelidos por um certo espírito cívico e patriótico vigente no Brasil do início do século passado, momento de construção/afirmação de uma identidade nacional.

No entanto, entre as escolas de samba, que naquele momento possuíam estrutura rudimentar se comparadas aos ranchos carnavalescos, a presença de enredos de cunho histórico

não se deu automaticamente em seus desfiles, de modo que o próprio elemento enredo tardou para assumir a centralidade que possui atualmente.

Fundamentalmente, nos anos 1930, as escolas de samba apresentavam temas relacionados ao carnaval, ao samba, à malandragem e à vida no morro, destacando-se o orgulho sentido pelos sambistas pelo reconhecimento de suas agremiações a partir do processo de oficialização dos desfiles (cf. ALMEIDA, 2020). É somente a partir das décadas de 1940 e 1950 que os enredos de cunho histórico se tornam hegemônicos entre as escolas de samba do Rio de Janeiro, no bojo de um processo que envolveu complexos fatores, não sendo o objetivo abordá-los, destacando-se apenas alguns de seus marcos mais significativos.

Um desses marcos foi a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, período em que ocorrem os chamados “Carnavais de Guerra”, ocasião em que as escolas de samba – em uma campanha cívica – são impelidas a apresentar enredos de cunho patriótico (TUPY, 1985). Igualmente importante parece a obrigatoriedade – a partir de 1947 – sobre a apresentação de temas nacionais nos enredos, que já havia constado em regulamentos dos concursos na década de 1930<sup>4</sup> e passa a figurar, naquele momento, como determinação do Estado. Tal exigência foi aprofundada no ano seguinte, quando se reivindica dos enredos caráter nacionalista.<sup>5</sup> Por fim, destacam-se os dispositivos regulamentares impostos em 1952: Determinava-se que a letra do samba cantado durante o cortejo estivesse de acordo com o enredo, assim como todas as fantasias apresentadas durante o desfile (AUGRAS, 1998, p. 78-79).

Sobre os enredos desenvolvidos no referido período, é possível dizer, resumidamente, que enquanto nos anos 1940, identifica-se uma dimensão mais ufanista nessas produções, cuja primazia está na exaltação à nação; nos anos 1950, sem perder de vista essa dimensão, os enredos centraram-se na difusão de uma história/memória nacional. Cumpria-se, assim, uma função pedagógica e didática importante aos interesses do Estado, reproduzindo-se, entre uma parcela praticamente iletrada da população, o discurso oficial (ALMEIDA, 2020). Na concepção benjaminiana, a “história dos vencedores” (cf. LÖWY, 2011).

A esse respeito, destaca-se o relato do célebre compositor mangueirense Angenor de Oliveira – o Cartola –, citado por Augras (1998, p. 27-28). Ao relatar como se dava, então, o processo de criação dos sambas-enredo, sublinha o artista: “O sujeito abre um livro, uma história, e então, tira daí toda a história [*sic*] e arranja umas palavras para rimar”.

As características até aqui sumariadas, permitem aproximar a estrutura narrativa das escolas de samba ao gênero Épico/Epopeico (RAYMUNDO, 2011). Destaca-se que, em seu modelo clássico, tal gênero é marcante por apresentar longas narrativas literárias “de caráter heroico, grandioso e de interesse nacional e social” (SOARES, 2007, p. 39). Entre as escolas de samba do Rio de Janeiro, sobretudo nas décadas de 1940 e 1950, têm-se vastíssima produção de enredos que versavam majoritariamente sobre o passado, de maneira laudatória,

4 O regulamento para o concurso de 1938, por exemplo, previa a proibição da apresentação, nos enredos, de “histórias internacionais em sonho ou imaginação” (CABRAL, 2016).

5 Embora a imposição de enredos nacionalistas tenha sido circunscrita àquele contexto, a obrigatoriedade de temas nacionais vigorou, nos regulamentos dos concursos do Rio de Janeiro, até 1996.

privilegiando a exaltação a personagens e fatos tidos como marcantes para a história do Brasil. Ou seja, enredos pautados em uma perspectiva histórica tradicional e factual: a história *événementielle*, ao estilo oitocentista.

Embora os temas históricos tenham continuado e continuem presentes entre as escolas de samba, esse modelo narrativo, típico às décadas de 1940 e 1950, sofreu importantes clivagens ao longo do tempo.

Um movimento relevante de mudanças se deu desde o limiar dos anos 1960, diante o incremento de enredos relacionados à cultura, história, tradição e luta do povo negro (ALMEIDA, 2020). Exemplo desse processo, nota-se em uma das condições postas à mesa pelo artista plástico Fernando Pamplona, ao aceitar assumir o posto de carnavalesco da Acadêmicos do Salgueiro para o Carnaval de 1960. Na ocasião, foi solicitado que o enredo salgueirense homenageasse “uma personalidade tão importante para a história do Brasil quanto esquecida pelos compêndios: o líder negro Zumbi dos Palmares”. Proposta acolhida pela direção da escola e materializada no enredo *Quilombo dos Palmares* (CABRAL, 2016, p. 168).

Desde então, começaram a figurar com maior presença nos desfiles do Rio de Janeiro enredos voltados a apresentar personagens históricas negras, colocadas na posição de protagonistas. Ou, de modo mais amplo, pode-se dizer, enredos não alinhados à “história oficial”, expressando o que Walter Benjamim denominou como a “história dos vencidos” (LÖWY, 2011).

Nesse sentido, assinala-se também, entre o final dos anos 1960 e o início dos anos 1970, o fortalecimento de temáticas relacionadas à luta das camadas subalternizadas da população e à ideia de revolução, resistência e liberdade, coincidindo temporalmente com o um dos períodos mais repressivos da ditadura militar brasileira. Menciona-se, entre essas produções, enredos como *História da liberdade no Brasil* (Acadêmicos do Salgueiro, 1967); *Heróis da Liberdade* (Império Serrano, 1969) e *Onde o Brasil aprendeu a liberdade* (Unidos de Vila Isabel, 1972).

Sobre a década de 1970, uma característica dos enredos desenvolvidos pelas escolas de samba do Rio de Janeiro foi a presença de narrativas de caráter onírico. Entre outros fatores, esse é um caminho que pode ter tido motivação estratégica por parte dessas agremiações, sob um contexto em que as narrativas “nacionalistas” facilmente seriam identificadas como o “apoio” à ditadura militar, ao mesmo tempo em que narrativas que entrassem em choque com os interesses do Estado seriam passíveis de censura.

De todo modo, as temáticas históricas seguem comparecendo de diversas maneiras no período, tanto por meio de narrativas de base ficcional quanto valendo-se de narrativas pautadas em fatos históricos. No primeiro segmento, pode-se citar os enredos da Acadêmicos do Salgueiro de 1974 e 1975, respectivamente: *O rei da França na ilha da assombração* e *O segredo das minas do rei Salomão*. No segundo segmento, pode-se citar enredos como *Os sertões* (Em Cima da Hora, 1976), que aborda a Guerra de Canudos a partir da obra homônima de Euclides da Cunha; e *O Descobrimento do Brasil* (Mocidade Independente de Padre Miguel, 1979).

Por fim, é indispensável salientar uma nova vertente de enredos que emerge no final da década de 1970, sendo marcante durante toda a década de 1980 entre as escolas de samba do

Rio de Janeiro. Contemporâneas à fase de redemocratização do país, nesse processo, algumas narrativas carnavalescas assumem o lugar de verdadeiras “crônicas” de seu tempo. Tal modelo narrativo, genericamente inserido no conjunto do que se convencionou denominar “enredos críticos”, possui como uma de suas principais particularidades a abordagem crítica ao momento vivido, relacionando-se, muitas vezes, aos problemas cotidianos dos grupos sociais subalternizados. São ainda comuns entre essas produções, os questionamentos ao Estado e suas políticas, além da crítica e reinterpretação de passagens/personagens históricas sob a ótica popular (ALMEIDA, 2020). Característica última que pode ser associada àquilo ao qual Edward Thompson (2001) chamou de uma “História Vista de Baixo”. Ou, ainda, para usar novamente um termo benjaminiano, uma história escrita a contrapelo.

### **A narrativa carnavalesca das escolas de samba à luz da História Pública**

Após o breve inventário realizado, ao se refletir sobre as narrativas carnavalescas das escolas de samba como histórias públicas, correspondentes a representações do passado constituídas na esfera pública e para além dos limites acadêmicos, cabe destacar alguns pontos relevantes. Inicialmente, considera-se para tanto a aproximação entre narrativa carnavalesca e a chamada “história de grande circulação” (SARLO, 2007). Ressalta-se, nesse aspecto, que nem toda história pública é, necessariamente, uma história de grande circulação. Não, ao menos, no sentido de apresentar o objetivo de alcançar grandes públicos, como ocorre em certos casos de livros, filmes, novelas, séries, *blogs*, canais do *YouTube*, etc.

Discutindo a respeito de tal categoria, Beatriz Sarlo (2007, p. 13) assinala a suscetibilidade da história de grande circulação “às estratégias com que o presente torna funcional a investida do passado e considera totalmente legítimo pô-lo em evidência”. De acordo com a autora, nesse caso, não havendo uma “resposta na esfera pública atual”, esse tipo de história fracassa em seu objetivo, deixando de ser fonte de interesse.

Essa é uma modalidade de História Pública não acadêmica, mesmo que praticada por um historiador com formação acadêmica, uma vez que se orienta em função dos “sentidos comuns do presente”, atendendo às “crenças de seu público”. O que não significa tratar-se, necessariamente, de uma história falsa, salienta (*Idem*).

A diferença dessa modalidade frente à história acadêmica se verifica, fundamentalmente, pelos métodos que as regem. Afinal, na história acadêmica, “as regras do método da disciplina histórica” exercem a supervisão aos “modelos de reconstituição do passado”, de modo a garantir, por meio de um “ideal epistemológico” convencionado, “o artesanato aceitável de seus produtos”. Algo bastante diferente do que, tradicionalmente, ocorre na história de grande circulação. Ainda que essa e outras características não garantam à história acadêmica o grande interesse público (*Idem*).

No entanto, refletindo de forma mais densa sobre o objeto, embora as narrativas carnavalescas das escolas de samba possam ser entendidas como histórias de grande circulação, uma vez que atingem amplas audiências, a definição dessas narrativas – nem em relação aos

temas e nem em relação às abordagens – são determinadas exclusivamente por uma lógica mercadológica. Embora ela possa ser relevante em certas situações, como no caso de enredos patrocinados. De todo modo, essas agremiações operam na lógica de sua tradicionalidade enquanto agrupamentos carnavalescos de caráter popular, logo, instituições coletivas, que sofrem influências múltiplas por parte de seus componentes e diretores. Lidam ainda, com pressões políticas internas e externas, estando suscetíveis às diferentes mudanças conjunturais.

Outro distanciamento pode ser assim apresentado: Na história de grande circulação, planeja-se uma produção voltada a um gênero específico, o gênero histórico (seja um filme, uma série, um livro, etc.). Nela, existe o objetivo explícito de se alcançar a um público também específico, que se interessa por esse gênero, cuja proposta é a apresentação de uma leitura do passado (FERREIRA, 2014, p. 26). Já a narrativa carnavalesca foge desse padrão.

Pelas características de seus desfiles, que contemplam múltiplas linguagens –, ainda que se possa falar em enredos de temática histórica entre as escolas de samba, não se pode falar em “gênero histórico”. Afinal, um mesmo desfile, a partir de seu enredo, pode apresentar múltiplas histórias dentro de uma mesma história, inclusive com temporalidades diferentes, não só do passado, como também do presente e, até mesmo, do futuro. Além disso, o desfile de escola de samba não é um “produto” pensado para alcançar a um público que se interessa especificamente pelo “gênero histórico”, e sim pelo carnaval, pelo samba e pelo espetáculo proporcionado por essas agremiações, independentemente da temática do enredo.

Já em certos aspectos, a produção de sentidos históricos pelas escolas de samba, embora de natureza literária, se aproxima da história acadêmica.

Um desses fatores de aproximação é a multiplicidade de narrativas desenvolvidas pelas escolas de samba. Abertas ao diálogo e à crítica, as narrativas mobilizadas por essas agremiações não se apresentam como única interpretação sobre a história contada, sendo comum o desenvolvimento de distintas narrativas a respeito de determinado tema em um mesmo ciclo (ano) carnavalesco ou em ciclos bem próximos<sup>6</sup>. Essa multiplicidade de perspectivas existentes e colocadas em diálogo – fundamental na produção do conhecimento acadêmico –, termina por estabelecer parâmetros quanto às narrativas históricas apresentadas nos enredos, que mesmo sem regular diretamente essa produção, exercem sobre ela certa pressão.

Acrescente-se a esse respeito, que as escolas de samba realizam seus desfiles oficiais inseridas em um concurso, no qual são submetidas a uma avaliação, não apenas pública, mas

---

6 Caso flagrante ocorreu com a Imperatriz Leopoldinense, que em 1988, ano do centenário da abolição da escravidão no Brasil, tendo como carnavalesco Luiz Fernando Reis e apresentando o enredo *Conta outra que essa foi boa*, em seu samba-enredo, afirmava que o acontecimento não passou de uma farsa, como pode ser visto nos seguintes versos: “Cabral, ô Cabral! / O esquema de lograr / De 71 com a realeza / Me mandou uma princesa / Que fingiu me libertar” (G.R.E.S. Imperatriz Leopoldinense. *Conta outra que essa foi boa*. Carnaval 1988. Samba-enredo de Zé Katimba, Gabi, David Corrêa e Guga). No ano seguinte (1989), tendo Max Lopes como carnavalesco e apresentando o enredo *Liberdade, Liberdade! Abra as asas sobre nós*, a escola de Ramos reproduz a imagem da princesa “redentora” em seu samba-enredo, glorificando-a nos versos: “Pra Isabel, a heroína / Que assinou a lei divina / Negro cantou / Comemorou o fim da sina” (G.R.E.S. Imperatriz Leopoldinense. *Liberdade, liberdade! Abra as asas sobre nós*. Carnaval 1989. Samba-enredo de Niltinho Tristeza, Preto Joia, Jurandir e Vicentinho).



também por parte de um corpo de jurados, formado por especialistas em diferentes áreas e/ou pessoas com formação específica para exercer tal função. Circunstância que pode causar embaraços e prejuízos em sua classificação, caso apresentem narrativas sem qualquer tipo de sustentação e/ou argumentação. Salienta-se que, desde 1988, a Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro – que administra os desfiles do Grupo Especial –, organiza, entrega aos jurados e publica o chamado *Livro Abre-Alas*: material que condensa todas as informações relevantes quanto ao desenvolvimento do enredo e do desfile. Hodiernamente, por força do regulamento, exige-se que as agremiações explicitem, para que sejam publicadas no *Abre Alas*, as fontes pesquisadas e utilizadas pelo carnavalesco ou sua equipe, bem como as justificativas para a abordagem desenvolvida.

Dessa forma, deve-se ver a produção do conhecimento histórico a partir das narrativas carnavalescas das escolas de samba enquanto uma das formas de democratização desse saber: prática que, segundo Benjamin Filene (ALMEIDA & ROVAI, 2011, p. 7), abre “portas” em vez de construir “muros”. A partir desse entendimento, combatem-se “ruídos” e “rivalidades” entre essa modalidade de produção do conhecimento histórico e a historiografia acadêmica,<sup>7</sup> realçando-se o caráter de “fronteira” da História Pública, no sentido da aproximação, e não da separação entre espaços distintos (cf. MONTEIRO & PENNA, 2011).

### **Efemérides, história e memória**

Ao longo de sua trajetória, por meio de seus enredos – e, por extensão, de seus sambas-enredo e desfiles –, as escolas de samba do Rio de Janeiro têm abordado uma enorme gama de temas históricos, muitas vezes relacionados às efemérides nacionais ou locais. Destaca-se nesse rol, para além de momentos históricos apresentados em enredos isolados, os desfiles de 1965, quando, pela primeira vez em sua trajetória, essas agremiações tiveram um tema único a partir do qual deveriam desenvolver seus enredos, abordando algum aspecto relacionado aos 400 anos de fundação da cidade do Rio de Janeiro.

Outra efeméride bastante presente nos enredos das escolas de samba do Rio de Janeiro é a Abolição da escravidão no Brasil, cujo registro pioneiro remonta ao Carnaval de 1948. Essa temática ocupou importante lugar no carnaval de 1988, ano do centenário de assinatura da Lei Áurea, figurando em diversos enredos, ainda que não houvesse essa obrigatoriedade. Na ocasião, muitas das narrativas produzidas buscaram desvencilhar-se das interpretações mais tradicionais, apresentando abordagens politizadas, de vigoroso teor crítico, colocando de forma objetiva o questionamento quanto à efetividade da libertação promovida há um século.

---

<sup>7</sup> Um exemplo recente desses ruídos se deu quando, no contexto do carnaval de 2019, a Estação Primeira de Mangueira apresentou o enredo *História pra ninar gente grande*, desenvolvido pelo carnavalesco Leandro Vieira. Como o enredo abordava centralmente a questão da “história que a história não conta” – em alusão a uma suposta ausência de personagens marginalizadas nos livros didáticos de História, houve, na ocasião, diversas reações por parte de historiadores profissionais, buscando-se afirmar que já há algum tempo essas personagens eram estudadas pela Academia e representadas em livros didáticos.

No entanto, a efeméride com maior impacto sobre o carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro ocorreu no ano 2000. Na ocasião, assim como em 1965, houve tema único, agora centralizado nas celebrações dos 500 anos do dito “descobrimento” do Brasil, cabendo a cada agremiação desenvolver seu enredo com base em um determinado tópico da história do país.

Embora as abordagens históricas tradicionais tenham marcado significativa presença naquele ano, inclusive no desfile campeão da Imperatriz Leopoldinense, que apresentou o enredo *Quem descobriu o Brasil, foi seu Cabral, no dia 22 de abril, dois meses depois do Carnaval*, não é possível dizer que os enredos dos “500 Anos” se mantiveram totalmente alinhados à perspectiva festiva que aspiravam as autoridades públicas. De fato, optou-se menos por se empreender a uma narrativa histórica dos “grandes vultos” e das efemérides nacionais, tendo mais visibilidade o papel desempenhado pelas camadas populares ao longo dos “500 anos de história”. Sofreram diversas críticas, portanto, o processo de colonização e a escravidão. Problematizou-se ainda, as consequências sociais do modelo de desenvolvimento social adotado, responsável por inúmeras desigualdades, denunciando-se as elites perante essa situação, que no momento vivido, o fim do milênio, reverberava em um contexto de crise.

No que respeita à presença de efemérides entre as escolas de samba, é fundamental destacar alguns aspectos relacionados à produção/reprodução de uma dita “memória coletiva”. De modo que, tal qual interroga Paul Ricoeur (2008, p. 105), quem é o sujeito “verdadeiro” da operação de memória? Seriam os indivíduos, um a um? Ou a memória tem como sujeito a coletividade?

Sabe-se que todo indivíduo possui a sua própria memória, e mesmo aquilo que ele supõe esquecer faz parte dela. O ato de lembrar é, obrigatoriamente, um retorno ao passado, mas essa “viagem” nem sempre é voluntária ou solitária. Sabe-se também, que quando um indivíduo busca em sua memória uma lembrança, o que emerge já não corresponde ao que está “guardado” em sua consciência, e sim a uma articulação entre o passado e o presente. Essa articulação ocorre, segundo Paul Ricoeur (*Ibidem*, p. 108), pela narrativa: a relação entre lembranças e memória.

Se olhando para o interior, o problema é denso, na perspectiva do olhar exterior, proposto Maurice Halbwachs, o quadro se complexifica ainda mais, ganhando relevo a chamada memória coletiva. Segundo Halbwachs, sob esse ângulo, “ninguém se lembra sozinho”, sendo necessária a presença do outro para lembrarmos. O fundamental seriam as lembranças compartilhadas, a partir das quais construiríamos nosso senso de pertencimento a uma dada sociedade e – por extensão – nossa própria memória. Nesse sentido, as memórias individuais não passariam de simples pontos de vista particulares sobre a memória coletiva (cf. RICOEUR, 2008, p. 130-133).

Indo em outra direção, para Joël Candau (2013, p. 83-85), o pressuposto da existência de uma memória coletiva seria apenas conjuntural, sendo a memória individual a única constatável. Embora, com essa leitura, não seja objetivo de Candau refutar os pressupostos da “memória coletiva”, põem-se em tela o fato de que essa memória corresponderia a um sistema de interrelações entre memórias individuais, categorizadas enquanto memórias partilhadas.

No que respeita ao objeto deste artigo, ressalta-se a advertência feita por Candau (*Ibidem*, p. 86-88) quanto à crença em uma memória partilhada que se baseie somente nos inúmeros atos de memória existentes nas sociedades humanas, por meio de festejos, rituais, celebrações, imagens, símbolos, monumentos, etc. Isso porque, embora se ateste a existência da vontade humana de partilhar certas memórias e a adesão voluntária ou involuntária dos indivíduos a esses atos, eles não comprovam a homogeneização das memórias que esse quer retomar, como pode ser visto nos casos das citadas efemérides dos 100 anos da Abolição da escravidão e dos 500 anos do “Descobrimento” do Brasil, realizadas nos carnavais de 1988 e 2000, respectivamente.

Em outras palavras, ainda que os atos de memória, como nos desfiles das escolas de samba, sejam compartilhados, nada garante que as representações do passado entre seus participantes também sejam, pois o acesso a esses atos não oferece, diretamente, acesso às memórias dos indivíduos. Essa é uma reflexão fundamental, ainda que o conceito de Quadros Sociais da Memória, formulado por Halbwachs, ajude a explicar a existência de memórias de longa duração, que parecem ser tão reais como se tivessem acabado de acontecer, mesmo que se manifestem em pessoas impossibilitadas de tê-las vivenciado (CANDAU, p. 86-89). Grosso modo, os Quadros Sociais da Memória podem ser entendidos como os aportes externos dos quais os indivíduos se valeriam para lembrar. Um samba-enredo, por exemplo.

Mas e o tema da Independência do Brasil? De que forma ele tem aparecido nos enredos desenvolvidos pelas escolas de samba do Rio de Janeiro ao longo do tempo? Que histórias/memórias têm sido partilhadas?

### **Do “Grito do Ipiranga” ao “Grito dos excluídos”: o tema da Independência ontem e hoje**

Os enredos sobre a Independência do Brasil começam a figurar entre as escolas de samba do Rio de Janeiro na década de 1940, como a pesquisa realizada no banco de dados do site *Galeria do Samba*, um dos mais completos sobre a história dessas agremiações, permitiu constatar. Nesse período, assim como já analisado, a tendência entre as escolas de samba encaminhava para a apresentação de versões mais tradicionais da história, e não foi diferente com o tema da Independência. É o que ocorre em *O Grito do Ipiranga*, enredo desenvolvido pela escola de samba Azul e Branco do Salgueiro em 1947, o primeiro a apresentar explicitamente o tema em seu título. Na letra do samba-enredo da agremiação, é possível observar os seguintes versos:

Grito do Ipiranga, é a nossa apresentação  
Ao ouvir o bramido gigante  
O grito de independência ou morte  
Do nosso povo tão forte  
Nas margens do Ipiranga, Pedro Primeiro ergue sua espada

Explicando aos brasileiros que cumprissem a sua jornada  
E assim houve a separação de Portugal  
Que recordamos neste carnaval

(G.R.E.S. Azul e Branco do Salgueiro. *O Grito do Ipiranga*. Carnaval 1947. Samba-enredo de Carivaldo Motta)

Nota-se que como o próprio título sugere, o foco da narrativa está voltado ao evento simbólico e episódico do 7 de setembro de 1822, com a primazia das ações cabendo ao futuro imperador Pedro I, que ao “ouvir” o clamor do “povo” brasileiro por liberdade, o conduz, pedagogicamente, a esse destino.

Embora o enredo da Azul e Branco do Salgueiro tenha sido o único com essa temática por ocasião da passagem dos 125 anos da Independência, nos anos seguintes, o tema foi relativamente bem explorado pelas escolas de samba do Rio de Janeiro, sobretudo no início da década de 1950, inclusive com a nada criativa repetição de títulos. No carnaval de 1951, por exemplo, registra-se o título *O Grito do Ipiranga* para os enredos das agremiações Irmãos Unidos do Catete e Floresta do Andaraí, além da Unidos do Itambi, cujo título foi *A Independência do Brasil*. Já em 1952, ano que marca os 130 anos da Independência, compareceram Unidos da Tamarineira, com *O dia do fico*, e Unidos do Salgueiro, com *Mártires da Independência*. Apesar de quantitativamente poucos, a presença desses enredos sinaliza a tendência que, gradativamente, passou a figurar nos enredos sobre a Independência, com a complexificação/problematização das narrativas a seu respeito.

Nesse sentido, aos poucos, a Independência deixa de ser vista como um fato pontual, ou seja, apenas o “Grito do Ipiranga”, sendo concebida enquanto resultado de um longo processo de lutas do povo brasileiro. Um dos acontecimentos históricos mais explorados pelas escolas de samba no que se refere à independência do Brasil passa a ser a Batalha de Guararapes, ocorrida no século XVII. Símbolo da expulsão dos holandeses do território colonial brasileiro, o episódio é geralmente apresentado nos enredos como marco precursor da Independência do país e do nascimento do espírito de nacionalidade. Essa abordagem aparece, inicialmente, nos enredos *Apoteose aos Heróis da Batalha de Guararapes* (Unidos do Salgueiro, 1953) e *Batalha de Guararapes* (Unidos de Bento Ribeiro, 1955); figurando em outras produções pelas décadas seguintes.

Emblematicamente, em 1972, ano do sesquicentenário da Independência, a única agremiação do Grupo I (equivalente à “1ª Divisão”) a abordar o tema da emancipação política do país, a Unidos de Vila Isabel, ao desenvolver o enredo *Onde o Brasil aprendeu a liberdade*, evoca justamente Guararapes como marco inicial dessa aprendizagem, como pode ser visto abaixo nos versos do samba-enredo da agremiação:

Aprendeu-se a liberdade  
Combatendo em Guararapes  
Entre flechas e tacapes  
Facas, fuzis e canhões  
Brasileiros irmanados  
Sem senhores, sem senzala  
É a Senhora dos Prazeres  
Transformando pedra em bala

Bom Nassau já foi embora  
Fez-se a revolução  
E a Festa da Pitomba é a reconstituição

(G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel. *Onde o Brasil aprendeu a liberdade*. Carnaval 1972. Samba-enredo de Martinho da Vila)

Se as escolas de samba do Grupo I não se envolveram diretamente com as comemorações em torno dos 150 anos da Independência, o mesmo não se pode dizer das agremiações do Grupo II, registrando-se os seguintes enredos: *A festa da Independência* (União de Jacarepaguá); *Heróis da Liberdade* (Unidos da Vila Santa Tereza) e *Salve, Salve, Independência* (Lins Imperial).

Na análise da breve letra do samba-enredo apresentado pela União de Jacarepaguá, identifica-se uma abordagem mais tradicional no enredo, inserida em um contexto festivo:

Salve salve Dom Pedro I  
Ele foi pro Ipiranga gritar  
Sua voz se ouviu de bem longe  
O cenário começou a brilhar  
De alegria, lindo dia surgiu  
Lenços verdes, amarelos a acenar  
A nobreza do povo em festa  
Somos livres, já podemos cantar

(G.R.E.S. União de Jacarepaguá. *A festa da Independência*. Carnaval 1972. Samba-enredo de Sebastião Gomes.)

Já no que se refere ao enredo da Unidos da Vila Santa Tereza, a análise da letra do samba-enredo apresentado pela agremiação indica para uma abordagem mais complexa, de modo que, embora seja dado certo destaque ao "Grito do Ipiranga" e à figura de D. Pedro I, aborda-se outras datas e personagens tidas como marcantes para a emancipação política do Brasil, com destaque para figuras representativas das populações negra e indígena, a exemplo de Henrique Dias e Felipe Camarão, além dos caciques Arariboia e Tibiriçá.

Por sua vez, ressalta-se a relevância dada no enredo da Lins Imperial ao contexto da Guerra de Independência na Bahia, colocando-se o 2 de julho de 1823 em igualdade de importância frente ao 7 de setembro de 1822, como é possível analisar no texto da sinopse do enredo:

A Lins Imperial, associando-se às comemorações programadas para festejar o Sesquicentenário da Independência do Brasil, vai cantar os feitos maiores da nacionalidade. Do Grito do Ipiranga, marco da nossa história, ao Dois de Julho, representativo das lutas pela consolidação de nossa Independência, chegamos as Festas da Independência, ao Sesquicentenário. Cantamos com intensa emoção e sentimento o desfile que nos traz presente a grandeza da pátria. Ordem do desfile: 1ª parte: o Grito do Ipiranga. 2ª parte: o Dois de Julho. 3ª parte: Festas da Independência. (S.R.E.S. Lins Imperial. *Salve, Salve, Independência*. Carnaval 1972. Galeria do Samba.)

Vê-se, pois, que entre as décadas de 1950 e 1970, as abordagens mais tradicionais sobre a Independência do Brasil entre as escolas de samba do Rio de Janeiro conviveram com as referidas abordagens mais complexas.

Entre as primeiras, destacam-se enredos que versam – para além do 7 de setembro e da proeminência de Pedro I no processo – sobre a importância da figura de D. João VI, mais

destacada que a do imperador em vários momentos. O Império Serrano, por exemplo, no carnaval dos 135 anos da independência do Brasil, em 1957, apresentou-se com o enredo D. João VI ou Brasil Império. Já do lado dos enredos que enveredaram na direção de abordagens mais amplas, ocupam importante prateleira aqueles que dão destaque ao nome José Bonifácio como o real mentor da Independência, sendo a figura que teria orientado D. Pedro I a proclamá-la. No entanto, esse tipo de abordagem tem nas revoltas do período colonial, como a de Filipe dos Santos (Vila Rica) e a Inconfidência Mineira, seu principal filão, destacando-se a figura de Tiradentes como mártir e precursor da emancipação nacional. Ambas as passagens se fazem presentes no enredo *Vultos e efemérides do Brasil*, cantado pela Portela em 1958, como pode ser visto nos versos a seguir:

Tiradentes, o mártir inconfidente  
 O pioneiro do Brasil independente  
 Da Inconfidência Mineira  
 Pela página brasileira  
 Do exemplo de amor à liberdade  
 José Bonifácio mentor de inteligência  
 Influenciou Pedro I a dar o grito da independência

(G.R.E.S. Portela. *Vultos e efemérides do Brasil*. Carnaval 1958. Samba-enredo de Simeão e Jorge Porqueiro.)

Além desse, são diversos os enredos que abordaram a questão da Independência do Brasil por meio das revoltas coloniais. O Império Serrano, ainda em 1949, apresentava o célebre *Exaltação à Tiradentes*, eternizado nos versos “Joaquim José da Silva Xavier / Morreu a 21 de abril / Pela Independência do Brasil / Foi Traído e não traiu jamais / A Inconfidência de Minas Gerais”. Em 1961, a mesma agremiação desfila com *Movimentos revolucionários e Independência do Brasil – Inconfidência Mineira*. Em seus versos, o samba-enredo da escola da Serrinha destaca episódios que teriam conduzido à emancipação, como a Revolta de Felipe dos Santos:

Vila Rica 1720, nasceu a rebelião  
 Em prol de nossa nação  
 Que mais tarde nos fez povo forte  
 E liberto de igual valor  
 Filipe dos Santos, o audaz  
 Que morreu enforcado pelos seus ideais

(G.R.E.S. Império Serrano. *Movimentos revolucionários e Independência do Brasil – Inconfidência Mineira*. Carnaval 1961)

Narrativa semelhante, porém, ainda mais ampla, pode ser encontrada em *História da liberdade no Brasil*, desenvolvido pela Acadêmicos do Salgueiro em 1967. O enredo busca abarcar proeminentes episódios das lutas por liberdades no Brasil, exaltando figuras como Amador Bueno da Ribeira e Manuel Beckman – denominados “Amadeu Ribeira” e “Manuel, O Bequimão” na letra do samba-enredo da agremiação tijuana; que também cita Zumbi dos Palmares, Tiradentes e Domingos José Martins, fazendo referência a diversas revoltas do período colonial. A ideia síntese do enredo pode ser compreendida nos versos de abertura do “hino” salgueirense daquele ano, que afirma: “Quem por acaso folhear a História do Brasil / Verá um povo cheio de esperança / Desde criança / Lutando para ser livre varonil”. Além de prestar

homenagem a Pedro I e ao “grito do Ipiranga”, a composição salienta como marcante para o processo de emancipação política do Brasil o chamado “Dia do Fico” (09 de janeiro de 1822), “contrariando toda a força em Portugal”. Igualmente importantes para a narrativa, são as revoltas ocorridas no Primeiro Reinado, quando é mencionado Frei Caneca, “o bravo que partiu”. Em seu desfecho, são abordadas ainda a Abolição da escravatura, em 1888, e a Proclamação da República, em 1889.

Outra mudança relevante na forma como a independência foi contada nos enredos das escolas de samba do Rio de Janeiro se deu nos anos 1980, com a emergência dos chamados “enredos críticos”. Alguns desses enredos caracterizaram-se por subverter, de forma satírica, várias personagens e passagens históricas relacionadas à Independência. É o caso do enredo apresentado pela Unidos do Cabuçu em 1986, *Deu a louca na História! E agora, Stanislaw, como é que fica?*. Na narrativa do samba-enredo da agremiação, a Independência é proclamada por Carmen Miranda, substituindo-se o desembainhar da espada de D. Pedro I, sobre seu cavalo, pelo rebolar do bumbum da cantora luso-brasileira, enquanto, jocosamente, estaria montada em uma girafa.

Outros enredos se destacam pelo questionamento quanto ao fato de sermos – ou não – uma nação soberana de fato, no sentido de persistir, historicamente, a dependência a potências estrangeiras. Primeiro, como colônia de Portugal, depois subordinados à política inglesa e, finalmente, sob o tacho da influência estadunidense.

Esse tipo de narrativa pode ser encontrada no enredo *A festa é nossa, ninguém tasca Ou Quem ri por último ri melhor*, apresentado pela mesma Unidos do Cabuçu em 1985, ano em que a agremiação completava 40 anos. Em seu desenvolvimento, aborda-se uma sequência de derrotas, privações e sofrimentos impostos aos vencidos da história – indígenas massacrados; negros escravizados; revoltosos traídos e derrotados ao lutarem pela independência do país. Sobre a independência, ela teria sido feita pela “aristocracia”, ou seja, pelos ricos e poderosos, cabendo ao povo apenas “pagar a conta” de tal ato. Dessa forma, até aqueles dias, o povo brasileiro ainda não teria conseguido se emancipar verdadeiramente, estando já de “saco cheio de comer o pão que o diabo amassou”. Revela-se, portanto, o descontentamento com o momento vivido, marcado por crises econômicas e pelo desejo de liberdade, após vinte e um anos de ditadura militar. Veja-se a letra completa do samba-enredo cabuçense na ocasião:

Hoje vou sonhar com a liberdade  
 Eu vou, eu vou sonhar  
 E contando a nossa história, de tristeza e alegria  
 Nos seus braços vou deitar ... E vou contar  
 Zé Carioca eu sou, vim de terras do além-mar  
 Vi a luz da liberdade  
 Se apagar na mão covarde de quem veio explorar

Os índios antes livres foram massacrados  
 Trocaram sua tanga pela “calça Lee”  
 E o negro escravizado, em quilombos se refugiou  
 Até a influência europeia a nossa cultura modificou

Quem quer vai, quem espera sempre alcança  
 Do brasileiro ninguém tira a esperança

Fracassaram pela traição as tentativas de libertação  
A independência, a Aristocracia foi quem fez  
Mas foi o povo que pagou  
E até hoje a liberdade tão sonhada não chegou

Liberdade ... para este povo sofredor  
Que já está de saco cheio  
De comer o pão que o diabo amassou  
A festa é nossa, 40 anos vamos festejar!  
A festa é nossa, viemos comemorar!

(S.E.R.E.S. Unidos do Cabuçu. *A festa é nossa, ninguém tasca ou Quem ri por último, ri melhor*. Carnaval 1985. Samba-enredo de J. Leão, João do Cabuçu, Celsinho, João do Cavaco e Jorginho Harmonia)

Outro enredo que questiona a ideia de independência, denunciando a dominação política, econômica e cultural dos Estados Unidos sobre o Brasil, foi *Brazil com Z, não seremos jamais, ou seremos?*. Título bastante sugestivo, apresentado pela Caprichosos de Pilares em 1986.

Premiado com o Estandarte de Ouro de melhor enredo daquele ano pelo júri de O Globo, o enredo da Caprichosos de Pilares não agradou em nada a embaixatriz dos Estados Unidos no Brasil, a psicóloga Nancy Asencio, esposa do embaixador Diego Asencio. A representante diplomática alegou que o desfile estava sendo transmitido diretamente pela televisão em seu país, e que ninguém entenderia como era possível tratar “um país amigo” daquela maneira. Segundo ela, tal atitude seria injusta e sem sentido. Ao saber da crítica feita pela embaixatriz, o autor do enredo, o carnavalesco Luiz Fernando Reis, respondeu afirmando que “muito pior do que seu enredo era o que os Estados Unidos faziam com o Terceiro Mundo” (O GLOBO, 1986, p. 11).

Polemicas à parte, o que chama atenção a partir da pesquisa realizada é a ausência – ao menos entre as principais escolas de samba do Rio de Janeiro – de enredos específicos sobre a Independência do Brasil nas últimas décadas, em franca decadência desde o contexto das comemorações dos 150 anos. Sequer no Carnaval do ano 2000, a temática rendeu um enredo exclusivo, embora tenha aparecido como eixo temático em alguns deles, como no caso da Unidos do Porto da Pedra, com Ordem, progresso, amor e folia no milênio de fantasia, cujo cerne da narrativa estava voltado às ideias republicanas.

Esse é um dado importante de ser considerado no contexto atual, levando-se em consideração a efeméride dos 200 anos da Independência do Brasil no corrente ano de 2022. Nem mesmo esse acontecimento levou a que as escolas de samba dos dois principais grupos de desfile do Rio de Janeiro, atualmente denominados Grupo Especial (equivalente à “primeira divisão”) e Série Ouro (equivalente à “segunda divisão”), demonstrassem maior interesse pela temática.<sup>8</sup> Pelo menos no sentido de tê-la escolhido como fio condutor de seu desfile. Exceção à Beija-Flor de Nilópolis, que apresentará o enredo *Brava gente! O grito dos excluídos no bicentenário da Independência*, lançado, simbolicamente, em 2 de julho.

---

<sup>8</sup> Deve-se ponderar, quanto a esta análise, que os enredos apresentados em 2022 haviam sido elaborados para o desfile de 2021, cancelado em função da pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19).



Tendo como autores André Rodrigues e Mauro Cordeiro – que trabalharão em parceria com Alexandre Louzada no desenvolvimento do carnaval da agremiação nilopolitana –, o conjunto de textos divulgados inicialmente sobre o enredo segue a linha das abordagens históricas e politizadas, de caráter crítico, que vêm marcando os desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro desde 2018, estando dividido em três tópicos: “Convocação”, “Justificativa” e “Fala Mais”.

**CONVOCAÇÃO.** Por uma questão de desordem no que se diz respeito às memórias que este país constrói: VAMOS NOS UNIR, BRAVA GENTE! Esta é uma convocação aos sobreviventes deste país que não nos reconhece. Um país que ignora nossas existências. Um país que comemora 200 anos da marginalização da sua própria gente. Seremos a voz do desejo de uma nação inteira: independência e vida! O Estado brasileiro foi erguido sobre um conjunto de mitos e símbolos que justificam as violências que ainda hoje são implementadas contra nós. Não é por acaso o apagamento do verdadeiro protagonista da história nacional: o povo brasileiro. Esta é a brava gente que está ausente dos atos cívicos que celebram nossos mitos fundadores. Excluídos. [...] Propomos, então, um novo marco para a Independência Nacional: O dia em que o povo venceu, o 2 de Julho. O triunfo popular de 1823 é muito mais sobre nós e sobre nossas disputas. O Dia da Independência que queremos é comemorado ao som dos batuques de caboclo, cantando que até o sol é brasileiro. Precisamos festejar os marcos populares em festas que tenham cheiro, cor e sabor de brasilidade, reconhecendo o protagonismo feminino e afro-ameríndio. Somos aqueles e aquelas que, excluídos dos espaços de poder, ousam ter esperança no amanhã. [...] Faremos, então, um grande ato cívico em louvação aos 200 anos de luta dos brasileiros, herança dos heróis e heroínas que forjam dia a dia, através de suas batalhas, uma nação verdadeiramente livre e soberana. Reivindicamos e nos orgulhamos das lutas históricas e sociais daqueles que nos precederam nesta incansável batalha pela cidadania. Juntem-se e vistam suas fantasias, pois será um grande carnaval quando em praça pública declararmos nossa própria independência. NÓS, O POVO! Juntando tudo e todes. O novo Brasil ditará as ordens a partir da folia. Alegria e manifestação! Nossa bandeira será um grande mosaico do que somos de verdade, feita a partir do retalho do que cada um tem a oferecer daquilo que lhe representa. A cultura é o nosso poder, e, é através dela que lutamos pela transformação social, colocando o povo no pedestal que lhe é de direito. Por isso fazemos carnaval, é a nossa missão, sempre construindo o país que acreditamos, e lutando para que ele seja um dia, realidade. O grito será por justiça e liberdade, igualdade sem neurose e sem caô. Nilópolis, 02/07/23. Dia dos 199 anos da Independência do nosso Brasil. (SINOPSE DO SAMBA [*website*], Sinopse do Enredo da Beija-flor 2023, “Brava gente! O grito dos excluídos no bicentenário da Independência”)

(G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis. *Brava gente! O grito dos excluídos no bicentenário da Independência*. Carnaval 2023. Samba-enredo de Léo do Piso, Beto Nega, Manolo, Diego Oliveira, Julio Assis e Diogo Rosa.)

É possível perceber, pela “Convocação” do enredo, que a proposta – embora reconheça a Independência do Brasil – aponta para uma série de problemas relacionados à sua consolidação e ampliação para a maioria da população, genericamente tomada como o “povo” brasileiro. Dialoga, portanto, diretamente com a pauta de um dos mais importantes movimentos sociais brasileiros, “O Grito dos Excluídos”, que há quase três décadas vai às ruas, anualmente, em 7 de setembro, no objetivo de empreender uma reflexão crítica sobre a Independência, almejando a construção de uma sociedade democrática, diversa e com justiça social para todos e todas.

Nota-se, igualmente, que embora haja o reconhecimento da independência no enredo proposto pela Beija-Flor para 2023, a referência para a narrativa não é o 7 de setembro de 1822, e sim o 2 de julho de 1823, data que marca a Independência do Brasil na província da Bahia,

diante a saída definitiva das forças militares portuguesas daquele território. Nesse sentido, o enredo busca, além de problematizar a luta pela emancipação nacional, nela destacar um caráter popular e participativo, que se afasta das narrativas mais tradicionais a seu respeito.

O samba-enredo escolhido pela agremiação no final de outubro, expressa tais concepções, apresentando versos de grande simbologia e emoção. Destacam-se passagens que evocam heróis e heroínas que genuinamente teriam lutado pela liberdade do Brasil. Há, ainda, na segunda parte da composição, o chamamento para a luta por direitos historicamente sonegados na atualidade, diante o descaso das autoridades, denunciando-se os preconceitos social, étnico-racial e de gênero, estruturalmente presentes na sociedade brasileira. Eis a letra completa da obra.

A revolução começa agora  
Onde o povo fez história  
E a escola não contou  
Marco dos heróis e heroínas  
Das batalhas genuínas  
Do desquite do invasor  
Naquele dois de julho, o Sol do triunfar  
E os filhos desse chão a guerrear  
O sangue do orgulho retinto e servil  
Avermelhava as terras do Brasil

Êh! Vim cobrar igualdade  
Quero liberdade de expressão  
É a rua pela vida, é a vida do irmão  
Baixada em ato de rebelião

Desfila o chumbo da autocracia  
A demagogia em setembro a marchar  
Aos renegados barriga vazia  
Progresso agracia quem tem pra bancar  
Ordem é o mito do descaso  
Que desconheço desde os tempos de Cabral  
A lida, um canto, o direito  
Por aqui o preconceito tem conceito estrutural  
Pela matéria soberana, eis povo no poder  
São Marias e Joanas, os Brasis que eu quero ver  
Deixa Nilópolis cantar  
Pela nossa independência, por cultura popular

Ô abram alas ao cordão dos excluídos  
Que vão à luta e matam seus dragões  
Além dos carnavais, o samba é que me faz  
Subversivo Beija-Flor das multidões

(G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis. *Brava gente! O grito dos excluídos no bicentenário da Independência*. Carnaval 2023. Samba-enredo de Léo do Piso, Beto Nega, Manolo, Diego Oliveira, Julio Assis e Diogo Rosa.)

## Considerações finais

Este trabalho analisou o tema da Independência do Brasil nos enredos apresentados pelas escolas de samba do Rio de Janeiro ao longo do tempo, considerando que esses artefatos artístico-culturais podem ser concebidos enquanto histórias públicas, correspondendo a

representações do passado constituídas na esfera pública, não circunscritas aos limites acadêmicos, guardando aproximações tanto com a chamada história de grande circulação quanto com a história acadêmica.

Na mesma direção, o artigo buscou, além de empreender um inventário sobre a origem dos enredos na estrutura das escolas de samba e de sua tendência aos temas históricos, demarcar particularidades presentes em suas narrativas em cada temporalidade, desenvolvendo reflexões acerca da memória em sua relação com a escrita da história, sobretudo no que concerne às memórias socialmente compartilhadas, entendendo que as escolas de samba e suas produções apresentam os pressupostos necessários para contribuir com este processo, embora a apreensão dessas memórias possam ocorrer em diferentes níveis e de distintas maneiras.

Especificamente no que concerne à temática da Independência do Brasil nos enredos das escolas de samba do Rio de Janeiro, são múltiplas as abordagens a seu respeito a partir do final dos anos 1940. Verificam-se narrativas mais tradicionais, no sentido da sua fatualidade e atenção a personagens tidas como marcantes no processo, sobretudo o “Grito do Ipiranga” – em 7 de setembro de 1822 – e o protagonismo do futuro imperador, Pedro I, na emancipação política do país. Por outro lado, desde a década de 1950, as narrativas que versam sobre o tema da independência foram ganhando complexidade. Nesse conjunto, salienta-se a importância que passa a ser atribuída a outras datas e personagens históricas, a exemplo da Batalha de Guararapes (1648), assim como inúmeras revoltas do período colonial, principalmente a Revolta de Felipe dos Santos (1720) e a Inconfidência Mineira (1789).

A década de 1980, por sua vez, marca a gênese de uma determinada perspectiva que segue sendo explorada ainda nos dias de hoje a respeito do tema da independência do Brasil, questionando-se, muitas vezes, sua própria concretude, seja de forma parcial ou total. São tradicionalmente elencados nesse tipo de abordagem crítica, diversos fatores de caráter político, econômico, social e cultural, reivindicando-se o protagonismo das camadas populares nos processos decisórios da vida política e na história do Brasil, tanto no passado quanto no presente.

Dadas as reflexões apresentadas e levando-se em conta os limites deste trabalho, o problema abordado sugere merecer novas e diferentes pesquisas, considerando-se sua relevância historiográfica e pedagógica, concebendo-se a escolas de samba e às narrativas que mobilizam a partir de seus enredos como importantes espaços/ferramentas para a educação e a formação históricas.

## Referências

### Bibliografia

- ALMEIDA, Fábio Rodrigues. *Crítica política e perspectivas de democracia nas narrativas carnavalescas das escolas de samba do Rio de Janeiro na década de 1980*. 2020. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- ALMEIDA, Juniele Rabêlo & ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Orgs.). *Introdução à História Pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- AUGRAS, Monique. *O Brasil do Samba-enredo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- CABRAL, Sérgio. *As escolas de samba do Rio de Janeiro*. São Paulo: Lazuli Digital, 2016.
- CANDAU, Joël . *Antropologia da Memória*. Lisboa: Instituto Piaget, 2013.
- CAVALCANTI, Maria Laura. *O Rito e o Tempo: ensaios sobre carnaval*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- CUNHA JUNIOR, Milton. *Paraísos e infernos na poética do enredo escrito de Joãozinho Trinta*. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- FERREIRA, Rodrigo de Almeida. *Cinema, história pública e educação: circularidade do conhecimento histórico em Xica da Silva (1976) e Chico Rei (1985)*. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro. História da liberdade no Brasil. Carnaval 1967. Samba enredo de Aurinho da Ilha. *Galeria do Samba*. Disponível em <https://www.galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/academicos-do-salgueiro/1967/>. Acesso em 10 jan. 2019.
- G.R.E.S. Azul e Branco do Salgueiro. *O Grito do Ipiranga*. Carnaval 1947. Samba-enredo de Carivaldo Motta. *Galeria do Samba*. Disponível em <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/azul-e-branco-do-salgueiro/1947/>. Acesso em 15 mar. 2022.
- G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis. *Brava gente! O grito dos excluídos no bicentenário da Independência*. Carnaval 2023. Samba-enredo de Léo do Piso, Beto Nega, Manolo, Diego Oliveira, Julio Assis e Diogo Rosa. Disponível em <https://www.beija-flor.com.br/carnaval-2022>. Acesso em 02/11/2022.
- G.R.E.S. Imperatriz Leopoldinense. *Conta outra que essa foi boa*. Carnaval 1988. Samba-enredo de Zé Katimba, Gabi, David Corrêa e Guga. In: LIESA – Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. *Enredos do Carnaval 1988*. Centro de Memória do Carnaval. 2 v.
- G.R.E.S. Imperatriz Leopoldinense. *Liberdade, liberdade! Abra as asas sobre nós*. Carnaval 1989. Samba-enredo de Niltinho Tristeza, Preto Joia, Jurandir e Vicentinho. In: LIESA. Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. *Enredos do Carnaval 1989*. Centro de Memória do Carnaval. 2 v.
- G.R.E.S. Império Serrano. *Exaltação à Tiradentes*. Carnaval 1949. Samba-enredo de Mano Décio e Estanislau Silva. *Galeria do Samba*. Disponível em <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/imperio-serrano/1949/>. Acesso em 15 mar. 2022.

G.R.E.S. Império Serrano. *Movimentos revolucionários e Independência do Brasil - Inconfidência Mineira. Carnaval 1961*. Samba-enredo de Mano Décio e Aidno Sá. *Galeria do Samba*. Disponível em <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/imperio-serrano/1961/>. Acesso em 15 mar. 2022.

G.R.E.S. Portela. *Vultos e efemérides do Brasil. Carnaval 1958*. Samba-enredo de Simeão e Jorge Porqueiro. *Galeria do Samba*. Disponível em <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/portela/1958/>. Acesso em 15 mar. 2022.

G.R.E.S. União de Jacarepaguá. *A festa da Independência. Carnaval 1972. Samba-enredo de Sebastião Gomes. Galeria do Samba*. Disponível em <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/uniao-de-jacarepagua/1972/>. Acesso em 15 mar. 2022.

G.R.E.S. Unidos da Vila Santa Tereza. *Heróis da Liberdade. Carnaval 1972. Galeria do Samba. Disponível em https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/unidos-da-vila-santa-tereza/1972/*. Acesso em 15 mar. 2022.

G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel. *Onde o Brasil aprendeu a liberdade. Carnaval 1972. Samba-enredo de Martinho da Vila. Galeria do Samba. Disponível em https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/unidos-de-vila-isabel/1972/*. Acesso em: 15 mar. 2022.

LIESA. Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. *Manual do Julgador. Carnaval 2019*. Centro de Memória do Carnaval.

LÖWY, Michael. "A contrapelo". A concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin (1940). *Lutas Sociais*, São Paulo, n. 26, p. 20-28, 2011.

MONTEIRO, Ana. Maria & PENNA, Fernando de Araújo. Ensino de história: saberes em lugar de fronteira. *Educação e Realidade*. v. 36, p. 191-211, 2011.

MUSSA, Alberto & SIMAS, Luiz Antônio. *Samba de enredo: história e arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

O GLOBO. *Caderno de Carnaval*. 12 fev. 1986, p. 1-18. Acervo Digital. Disponível em <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=198019860212/>. Acesso em 18 dez. 2019.

RAYMUNDO, Jackson. *Samba-enredo, a canção do desfile de escolas de samba: um gênero épico brasileiro*. 2011. Monografia (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

RICOUER, Paul. Memória Pessoal, Memória Coletiva. In. RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008, p. 105-142.

RIOTUR. *Memória do Carnaval*. Rio de Janeiro: Oficina do Livro, 1991.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

S.E.R.E.S. Unidos do Cabuçu. *Deu a louca na história! E agora, Stanislaw, como é que fica?* Carnaval 1986. Samba-enredo de Beto Pernada, Orlando, Ney, Celsinho e Fernando. *Galeria do Samba*. Disponível em <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/unidos-do-cabucu/1986/>. Acesso em 20 jun. 2019.

S.E.R.E.S. Unidos do Cabuçu. *A festa é nossa, ninguém tasca ou Quem ri por último, ri melhor*. Carnaval 1985. Samba-enredo de J. Leão, João do Cabuçu, Celsinho, João do Cavaco e Jorginho Harmonia. *Galeria do Samba*. Disponível em <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/unidos-do-cabucu/1985/>. Acesso em 20 jun. 2019.

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. São Paulo: Princípios, 2007.

S.R.E.S. Lins Imperial. *Salve, Salve, Independência. Carnaval 1972. Galeria do Samba*. Disponível em <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/lins-imperial/1972/>. Acesso em 15 mar. 2022.

THOMPSON, Edward Palmer. Folclore, antropologia e história social. In. NEGRO, A. L. & SILVA, S. (Orgs.). *As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001, p. 227-267.

TUPY, Dulce. *Carnavais de guerra: O nacionalismo no Samba*. Rio de Janeiro: ASB Artes Gráficas, 1985.